

“Se Deus me fez formoso, dar-me-á bondade, se lhe aprouver, porque de outro modo valeria pouco”: A Espiritualidade da Cavalaria Cristã na figura de Galaaz (século XIII)

Gleudson Passos Cardoso ¹

Luan Lucas Araújo Morais ²

Resumo

A partir do século XII a cavalaria ascende como portadora dos baluartes morais e religiosos que guardará a ordem e a manutenção das estruturas do regime feudal. Destarte, modelos cavaleirescos começam a ser retratados nos escritos da época, tendo na literatura do período uma das suas principais formas de veiculação. A “domesticação” e cristianização dessa cavalaria foi influenciada pelo conjunto de reformas no clero medieval, conhecidas como reformas gregorianas (1049-1119). Desta forma, novas regras de conduta foram estabelecidas de modo a tornar a figura do cavaleiro medieval em algo sacro, em um modelo cristão que prezava pelo ideal ascético de pureza e castidade que serviria aos interesses eclesiásticos de dominar e expandir sua influência no seio da aristocracia feudal. Dentre as figuras literárias retratadas nos romances de cavalaria, temos Galaaz como um dos representantes deste novo modelo cavaleiresco. Partindo de uma proposta de análise envolvendo o campo da cultura escrita no medievo e a utilização dos aportes teóricos relacionados à representação literária e ao imaginário medieval a pesquisa propõe observar na figura literária de Galaaz e em suas ações na *Demanda do Santo Graal*, as ligações com a espiritualidade cristã representada na produção literária do medievo, destacando como e quais características eram necessárias para tornar-se um “soldado de Cristo”. O presente trabalho foi desenvolvido com o amparo da bolsa de iniciação científica, provida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq) e vinculado ao projeto intitulado “A Cruz, a Dama e o Cavaleiro: Representações da Sexualidade e Espiritualidade na Cultura Escrita Medieval (séculos XII-XV)”.

Palavras-chave: Cavalaria. Espiritualidade. Cultura Escrita.

Abstract

From the 12th century the knighthood ascends as the bearer of moral and religious strongholds that keep the order and the maintenance of the feudal regime structures. Thus, a

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense PPGH\ UFF (2009). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde leciona no Curso de História e no Mestrado Acadêmico em História e Culturas/ MAHIS as disciplinas: História Medieval, História da América, Arte na História, Seminário de Pesquisa e Práticas Sociais Urbanas. Integra os GPESQ/ CNPQ Intelectuais, Ideias e Instituições (UFF), ARCHEA – Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita na Antiguidade e na Medievalidade e GPPUR-Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas (UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4484450400989287>. Contato: gleudsonpassos@hotmail.com.

²Graduando em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente bolsista de iniciação científica com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita na Antiguidade e Medievalidade (ARCHEA/UECE). E-mail: luanlucas7@hotmail.com

sort of knighthood models begin to be portrayed in the writings of the time, with the literature of the period as the main form of broadcasting. The 'domestication' and Christianization of this knighthood was influenced by a set of reforms in medieval clergy, known as Gregorian reforms (1049-1119). In this way, new rules of conduct were established in order to make the figure of the medieval knight into something sacred, in a Christian model that valued the ascetic ideal of purity and chastity that serve the ecclesiastical interests to dominate and expand its influence within the feudal aristocracy. Among the literary figures depicted in the knighthood novels, we have Galahad as one of the representatives of this new model chivalrous. Starting from an proposal analysis involving the writing culture field in the medieval and the use of theoretical contributions related to literary representation and medieval imagery research proposes seen in literary figure of Galahad and his actions in the The Quest of Grail, links with Christian spirituality represented in the literature of the Middle Ages, highlighting how and what features were necessary to become a 'soldier of Christ'. This work was developed with the support of scientific initiation scholarship, provided by the National Scientific and Technological Development Council (PIBIC / CNPq) and linked to the project entitled 'The Cross, the Lady and the Knight: representations of sexuality and spirituality in culture written medieval (centuries XII-XV)' under professor Dr. Gleudson Passos Cardoso guidance.

Keywords: Knighthood. Spirituality. Literature

Recebido em 14/12/2014

Aceito em 10/03/2015

Introdução: Fonte literária medieval e cultura escrita

A utilização da narrativa literária como fonte histórica denota uma maior oportunidade dos historiadores em alargar seu corpo documental, traçar novas problemáticas e propor novas abordagens consonantes com a proposta empreendida pelo manifesto da “Nova História Cultural” iniciada Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e por autores ligados ao movimento conhecido como *Annales*. A maior variedade na análise dos objetos históricos passa por uma “revolução documental” demonstrando que:

[...] escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF; CHARTIER; REVEL, 2005: 36-37).

A escolha por utilizar tal recurso possui seu valor por demonstrar a sociedade feudal de modo único e original, destacando muitas vezes um reflexo das atitudes cotidianas na elaboração dos textos divulgados. Entretanto, a produção dessa literatura possui orientação nos valores sociais e culturais que as sociedades produzem tendo obviamente seus autores buscado base empírica nesse contexto para elaborarem suas obras.

Em História, o documento escrito possui como premissa objetiva uma “compreensão da História como uma narrativa que constrói uma representação sobre o passado, e que se desdobra nos estudos da produção e da recepção de textos” (PESAVENTO, 2004: 69). A narrativa literária, por sua vez, constrói em seu texto um imaginário e realidade únicos, elaborando assim um discurso idealizado sem necessariamente se ater às diretrizes do real, instituindo sua própria “verdade” dos fatos.

A utilização da cultura escrita como aporte teórico para o estudo das representações literárias nos escritos medievais é pertinente com o que já foi mencionado acima. A discussão insere-se no campo teórico da História Cultural, cuja principal assertiva é senão a aproximação e incorporação da produção de uma cultura presente na própria linguagem e nos discursos proferidos por seus produtores – intelectuais ou leigos – nos

diversos substratos da vida social, além de buscar observar nos próprios textos literários e nessa cultura escrita propriamente dita, “mecanismos de produção de objetos culturais”.³

Ainda sobre essa cultura escrita, ressaltamos ainda sobre sua força na atmosfera mental do período e sobre sua circulação nos variados lugares sociais do mundo feudal. Para tanto, adotaremos o conceito de “energia social” que tais textos possuíam quando produzidos, lidos e até mesmo relatados de forma oral aos que não tinham acesso às letras⁴, sendo esta energia “manifestada na capacidade de certos traços verbais, aurais e visuais de produzir, moldar e organizar experiências coletivas físicas e mentais”.⁵

Desta forma, torna-se pertinente a visualização dos ideais cristãos presentes na figura de Galaaz por intermédio de sua representação na cultura escrita da época. Ao percebermos as nuances que marcam a literatura da época, não estaremos reduzindo a fonte literária somente a um documento histórico, mas sim estabelecendo um viés teórico-metodológico que possibilite a análise das forças históricas que possibilitaram a propagação de um novo modelo de cavalaria na Europa ocidental do século XIII.

Prelúdios da Cavalaria Feudal

Tendo em vista o processo de transformações socioeconômicas e políticas que o Ocidente medieval conheceu a partir do século X, o panorama social europeu começa a modificar-se gradativamente nos séculos seguintes. O arrefecimento das incursões “bárbaras”, das epidemias de peste e fome e o aumento do crescimento demográfico populacional propiciaram um desenvolvimento urbano consonante com o cenário à época.

³ “A história cultural se propõe a observar no passado, entre os movimentos de conjunto de uma civilização, os mecanismos de produção de objetos culturais. [...] Entre os fatores da produção cultural (pondo de lado o que constitui sua matéria-prima), alinha-se uma herança, um capital de formas no qual cada geração se nutre. O principal interesse da história literária, da história das artes e da história da filosofia é inventariar essas formas, mostrar como essa reserva se empobrece ou dilata, como ela se transforma [...]. Cf. DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 147-148.

⁴ Grande parte da população medieval não era alfabetizada, entretanto a existência de uma cultura escrita não implicava a inexistência de uma cultura *letrada*. Ambas são diferentes entre si, mas suas ligações estavam sobretudo em como a literatura cortesã difundia-se e alcançava homens e mulheres num contexto tão variado cultura e socialmente quanto o do Ocidente medieval.

⁵ “[...] it is manifested in the capacity of certain verbal, aural, and visual traces to produce, shape, and organize collective physical and mental experiences.” Cf. GREENBLATT, Stephen. *The Circulation of Social Energy*. In: _____. **Shakespearean Negotiations: The circulation of social energy in renaissance England**. California: University of California Press, 1988, p. 6. Tradução nossa.

No período que medievalistas denominam de Idade Média Central (séculos X-XIII), a nobreza buscava uma maior afirmação como grupo social privilegiado existente no sistema feudal, haja vista que o status jurídico da *nobilis*, após o período de jugo régio por parte dos carolíngios (séculos VIII-X), tendeu a fechar-se sobre si mesmo como estatuto definido. Tal fato não seria suficiente para confirmar sua superioridade social. Era preciso se impor também por meio da criação de um estilo de vida, de um código de conduta e de práticas que retratassem as qualidades inerentes a esse grupo. Surgia assim, o embrião que formaria a cavalaria feudal, uma *ordem*, como atesta Marc Bloch (2012: 371):

Durante a primeira idade feudal, o que o termo de cavaleiro queria significar era, antes demais nada, ou uma situação de facto, ou um vínculo de direito, mas puramente pessoal. (...) O conjunto dos cavaleiros investidos constitui uma “ordem”: *ordo*. Palavras eruditas, palavras da Igreja, mas que encontramos, desde o princípio, nas bocas laicas. Elas não pretendiam, pelo menos aquando do seu primeiro emprego, sugerir uma assimilação pelas ordens sagradas. No vocabulário que os escritores cristãos tinham pedido emprestado à Antiguidade romana, uma *ordo* era uma divisão da sociedade temporal, assim como da eclesiástica. Mas uma divisão regular, nitidamente delimitada, conforme com o plano divino. Uma **instituição**, na verdade, e não apenas uma realidade completamente nua. [grifo nosso]

Desse modo, conflitos entre nobres vizinhos tornaram-se lugar comum na sociedade feudal de finais do século XI, com disputas territoriais, invasões e pequenas guerras civis envolvendo a aristocracia e seu grupo de representantes em armas, a cavalaria feudal. Ademais, na própria construção do ideal cavaleiresco belicoso do início da Idade Média Central já havia a noção de presteza e destaque dos atributos necessários para ser identificado e aceito como cavaleiro:

[...] à medida que os meios cavaleirescos adquiriam uma consciência mais nítida do que os separava da massa “sem armas” e os elevava acima dela, fez-se sentir mais imperiosamente a necessidade de sancionar, por meio de um acto formal, a entrada na colectividade assim definida: quer o novo admitido fosse um rapazinho que, nascido entre os “nobres”, obtinha o direito de ser aceite na sociedade dos adultos; quer se tratasse, muito mais raramente, de algum afortunado recém-vindo, que parecia ter-se igualado aos membros das antigas linhagens, pelo poder recentemente adquirido, pela força, ou pela destreza. (BLOCH, 2012: 371)⁶

⁶ Jean Flori também pontua que tal processo culmina na delimitação específica do acesso à cavalaria aos “não-nobres” em finais do século XIII. Como ordem social já estabelecida e dotada de seus códigos morais e de conduta, o braço armado da aristocracia feudal enfim impõe sua dominação na vida cotidiana da sociedade feudal, onde a prestação de vassalagem dos outros nobres e a cobrança de tributos da população campesina eram

Tal classe incipiente tinha ainda na política dos casamentos familiares muito da explicação do ímpeto viril e violento que marcara suas atitudes também no campo afetivo. Usualmente costumava-se casar apenas um dos filhos – geralmente o primogênito – por ocasião de prevenir a dissociação e o fracionamento dos patrimônios familiares. Desta forma, somente o filho mais velho tinha direito à uma esposa legítima, deixando grande parte dos homens adultos sem direito à condição semelhante. Isto ocasionava inveja por parte dos homens solteiros e fazia com que os mesmos concentrassem esforços em receber uma esposa, seja de modo legítimo - casamento como fruto dos serviços prestados ao seu senhor - ou senão tomando-as pela força.

De modo a controlar o ímpeto violento e empreender uma purificação dos costumes mundanos praticados pelos membros dessa classe, o clero medieval põe-se à frente do quadro social do período e elenca uma série de medidas que tendem à fornecer entornos cada vez mais direcionados a uma cristianização e “domesticação” dessa cavalaria. Entram em cena o que Alain Demurger denomina de “movimentos paz”, deliberações do clero medieval com o intuito de estabelecer a ordem seguindo as determinações de Deus.⁷

Ainda no século X, no Concílio de Charroux (989) em virtude dos temores milenaristas, a “Paz de Deus” é estabelecida de modo a instituir pela primeira vez períodos de paz obrigatórios, condenando os ataques aos campesinos desarmados, as guerras privadas e o saque de propriedades eclesiásticas. Já no século XI, temos a promulgação de decretos papais sobre a “Trégua de Deus”, no concílio de Clermont (1095). Por meio desses, ficava estabelecido a proibição de atos violentos entre cristãos durante períodos considerados sagrados para o Cristianismo, tais como o Advento, a Quaresma e a festa de Pentecostes, além de abrangerem a interdição de conflitos durante os dias que remetem à Paixão e a Ressureição de Cristo, de quinta a domingo.⁸

os dispositivos feudais de afirmação da autoridade nobre na esfera política feudal. Cf. FLORI, Jean. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 133-135.

⁷ Cf. DEMURGER, Alain. “Uma experiência nova no centro da espiritualidade medieval”. In: _____. **Os Templários**: uma cavalaria cristã na Idade Média. 2ª ed. Trad.: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Difel, 2010, p. 39-90, cap. 2.

⁸ Paradoxalmente, ainda no Concílio de Clermont (1095), o papa Urbano II proclama e exorta os cristãos para o advento da I Cruzada (1096-1099). Seguindo o raciocínio de Dominique Barthelémy, o intuito da Igreja cristã nesse início do século XI seria promover a unidade da Cristandade em torno de si mesma - coibindo a violência mútua entre irmãos de fé - ao mesmo tempo que a moldava para combater os “inimigos” da fé cristã encarnados na figura dos muçulmanos que detinham o controle da Terra Santa no período. Segundo Barthelémy, “[...] A trégua de Deus interrompe uma guerra feudal já moderada, no espírito de um esforço de abrandamento dos cavaleiros ao passo que a cruzada lhes propõe tornarem-se mais duros, em um tipo novo de guerra”. Cf.

Tal iniciativa de abrandamento converge ainda com o processo de modificação no clero medieval, no final do século XI e início do XII conhecido como Reforma Gregoriana (1049-1119), visando uma cristianização da sociedade como um todo, incluindo a cavalaria beligerante, devido ao panorama cruzadístico da época. Barthélemy (2010: 290) afirma que esse processo se tratou de um amplo conjunto de reformas destinado a:

[...] submeter mais o clero ao papado e os laicos ao clero, em vista de um aperfeiçoamento, de uma purificação dos costumes. Ela põe em alerta todos os cristãos a propósito de sua vida futura, de sua salvação eterna, por meio de uma pregação que evoca muito as penas do Além.

Palavra-chave da Reforma: libertação. Ao libertar a Igreja do domínio dos leigos e laicos, a autoridade e a ordem poderiam ser restauradas e mantidas de modo que esta pudesse assegurar sua influência e controle nas mais diversas esferas da vida cotidiana do mundo medieval. A preocupação da Igreja cristalizou-se não apenas nas próprias medidas já anunciadas e expostas acima, mas também no campo das letras. Não raro, os clérigos medievais impulsionaram uma sorte de cavaleiros a lutarem e protegerem a herança cristã da ameaça iminente de uma desvirtuação dos costumes, do surgimento das primeiras heresias e também do combate à própria parcela de cavaleiros que não seguiam o ideal cristão de pureza, de castidade e honradez nos seus combates. A concepção inicial dos “soldados de Cristo” já estava presente nas Sagradas Escrituras, quando São Paulo em Ef 6,11.13-17 escreve sobre as atribuições do verdadeiro cristão, um combatente devidamente armado pela fé e pela palavra de Deus:

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do Diabo. (...) vesti toda a armadura de Deus, a fim de que possais resistir firmemente no dia mau e, havendo batalhado até o final, permanecerdes inabaláveis, sem retroceder. Estai, portanto, firmes, trazendo em volta da cintura a verdade e vestindo a couraça da justiça, calçando os vossos pés com a proteção do Evangelho da paz, abraçando sempre o escudo da fé com o qual podereis apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usai igualmente o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.⁹

BARTHÉLEMY, Dominique. Em direção a uma cavalaria mais cristã? In: _____. **A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Trad.: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 317, cap. 5.

⁹ Cf. EFÉSIOS. In: **Novo Testamento – King James**. Trad.: Comitê Internacional e Permanente de tradução e revisão da Bíblia King James Atualizada (KJA/Sociedade Bíblica Ibero-Americana). São Paulo: Abba Press, 2007, p. 456.

Seguindo a linha teológica de Paulo, a figura de São Bernardo de Claraval (1090-1153)¹⁰ sobressai-se entre muitas quando este escreve aos membros da “nova milícia de Cristo”, exaltando os valores e deveres desse “braço” cavaleiresco que irrompe no século XII:

“[...] Go forth confidently then, you knights, and repel the foes of the cross of Christ with a stalwart heart. Know that neither death nor life can separate you from the love of God which is in Jesus Christ, and in every peril repeat, ‘Whether we live or whether we die, we are the Lord’s.’ What a glory to return in victory from such a battle! How blessed to die there as a martyr! Rejoice, brave athlete, if you live and conquer in the Lord; but glory and exult even more if you die and join your Lord. Life indeed is a fruitful thing and victory is glorious, but a holy death is more important than either. If they are blessed who die in the Lord, how much more are they who die for the Lord!”¹¹

Além dos escritos eclesiásticos, aos poucos a literatura medieval foi incorporando elementos religiosos em seus romances, poemas e canções. Uma boa parcela dos *romans* medievais foi produzida e destacada para servir como suporte de divulgação dos ideais monásticos e virtuosos pregados pela Reforma Gregoriana, sobretudo pelo fato de que a própria literatura fornece modelos de representação do social em suas obras. Inúmeros modelos cavaleirescos cristianizados são apresentados nesse corpo textual já mencionado. Entretanto, dispusemo-nos a elencar e discutir aspectos da religiosidade cristã na figura apresentada em uma das novelas de cavalaria mais difundidas durante finais do século XII e XIII: Galaz (ou Galahad), em *A Demanda do Santo Graal*.

¹⁰ São Bernardo (1090-1153) foi um abade francês da ordem cisterciense e um dos doutores da Igreja. Responsável pela reformulação da Ordem de Cister, ajudou na consolidação dos ideais monásticos e ascéticos no âmbito das ordens religiosas cristãs. O tratado aqui mencionado foi escrito no século XII (entre 1120 e 1136, não se sabe ao certo) por São Bernardo direcionado ao líder e cofundador da Ordem dos Cavaleiros Templários, Hugo de Payens, sobretudo para elevar o moral dos templários durante a Segunda Cruzada. Os templários questionavam se estaria correto que uma ordem religiosa se envolvesse em combate militar, contrariando assim os dogmas e pressupostos da religião cristã. São Bernardo divide o tratado em duas partes: na primeira compara os cavaleiros templários aos cavaleiros comuns, e critica estes por se deixarem levar pela vaidade, luxúria e violência gratuita, colocando assim os templários em um patamar superior de virtude. Na segunda parte, São Bernardo descreve os lugares sagrados da Terra Santa e exorta a nova cavalaria cristã a agir como os guardiões da herança sagrada do Cristianismo. Cf. CLAIRVAUX, Bernard of. *De Laude Novae Militiae ad Milites Templi Liber* [Do Elogio à uma Nova Cavalaria]. In: BARBER, Malcolm (org.). **In Praise of the New Knighthood: A treatise on the knights templar and the holy places of Jerusalem**. Trad. Latin: Conrad Greenia. Colledgeville: Cistercian Publications, 2000.

¹¹ “Marchai confiantes, pois, cavaleiros, e combatam os inimigos da cruz de Cristo com um coração abrasado. Saibam que nem a morte e nem a vida podem separá-los do amor de Deus, que se faz presente em Jesus Cristo, e proclamem diante do perigo: ‘Quer vivamos, quer morramos, somos do Senhor!’ . Gloriosos ao retornar vitoriosos de tal batalha! Abençoados ao perecerem ali como mártires! Alegra-te, bravo combatente, se vives e conquistas no Senhor e exalta-te ainda mais se morres e te juntas a Ele. A vida, de fato, é algo fortuito e a vitória é gloriosa, mas uma morte sacra é mais valorosa que ambas. Porque bem-aventurados são aqueles que perecem no Senhor, mas mais ainda aqueles que sucumbem por Ele!” Idem, p. 64. Tradução nossa.

A Demanda de Galaaz: por entre a nobreza e virtude

Inserida no *corpus* documental daquilo que os historiadores denominam de “Matéria da Bretanha”, a *Demanda do Santo Graal* faz parte das ficções literárias que envolvem toda a mitologia por trás do Rei Artur e de seus cavaleiros da Távola Redonda:

De enorme importância na cultura da civilização ocidental, seu assunto e seus temas, tomados às tradições celtas da Grã-Bretanha e da Ármorica [atual Normandia, noroeste da França], são cheios de magnificência de mitos e ricos de uma poesia ainda latente. (...) São estórias que implicam a sedução mágica da mulher e do amor, o apelo ao mistério e ao desconhecido, a invencibilidade da esperança na aventura heroica suscitada pelo sonho ou pelos arroubos do coração, enfim, a busca do inacessível. E tais abstrações se concretizam invariavelmente na aceitação e no enfrentamento da prova e do desafio, timbrados pelo amor e pelo combate.¹²

Como muitas das novelas de cavalaria contemporâneas à sua época, sofreu um processo de cristianização na incorporação de seu texto, sobretudo para substituir os elementos culturais celtas presentes quando da elaboração original da obra, escrita em francês no século XIII, mas traduzida para o galego-português na metade da centúria seguinte.¹³ Sua história narra a busca dos cavaleiros da Távola Redonda do rei Artur em busca do Graal, um objeto místico (um cálice ou vaso) que traria paz ao reino de Artur, servindo ainda como alimento espiritual e elemento articulador de Deus para com o povo. Sumariamente, este é o mote principal da *Demanda*: reunidos no dia de Pentecostes, os cavaleiros da Távola Redonda apresentam-se diante de seu rei com o intuito de celebrar as boas novas do reino, quando são surpreendidos pela aparição misteriosa e fantástica do Graal:

[...] entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem. E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um (MEGALE, 2008: 38).

¹² Cf. MEGALE, Heitor. Apresentação. In: _____ (org. e modernização do português). **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008, p. 12.

¹³ Utilizaremos aqui uma versão modernizada em português do texto originário do século XV da *Demanda*, traduzida diretamente do francês, cuja organização e modernização do texto se dá pelo professor Heitor Megale (filólogo da Universidade de São Paulo e professor titular do departamento de letras português da mesma universidade). Tal versão foi elaborada de acordo com o texto de maior conservação da DSG (*Demanda do Santo Graal*), que encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de Viena.

A partir de então, os cavaleiros de Artur juram ao seu rei encontrar o cálice divino, de modo a empreenderem uma jornada de busca pelo artefato onde também aprimorarão sua lealdade, dever e fé munidos do desejo de trazer para Camelot a paz e prosperidade por intermédio do Graal. Subtende-se também, durante toda a narrativa da *Demanda*, que os cavaleiros que partem na jornada de recuperação do cálice buscam obter a perfeição espiritual, estágio somente alcançado por aquele que possuir em sua essência os valores castos, cristãos e ligados à humildade, bravura, e pureza de coração. Aqui jaz o antagonismo da *Demanda* com as outras novelas de cavalaria do século XII e até mesmo às suas contemporâneas, onde o ideal de cavaleiro perfeito modifica-se e cristaliza-se num conceito onde “contrasta a cavalaria inspirada pelo amor divino [...] com aquela inspirada pelo amor mundano” (RALLS, 2004: 157).

A *Demanda* possui o cavaleiro ideal, o eleito, aquele que possui em sua essência todos os valores descritos para enfim, alcançar o santo cálice. Galaaz reúne em sua figura os dois lados da cavalaria medieval no século XIII: o ideal monástico e regrado e a destreza em combate, a perícia em armas e a bravura necessárias para ser um cavaleiro. Concebido como fruto de um adultério entre Lancelote e a rainha Helena de Corbenic, Galaaz tem sua figura exaltada desde o início da *Demanda*, quando por exemplo, é sagrado cavaleiro pelas mãos de seu pai e de um ermitão do mosteiro onde Galaaz passou boa parte de sua formação:

Porque Deus te fez nascer em tal pecado como sabes, para mostrar seu grande poder e virtude, te outorgou, por sua piedade e pela boa vida que começaste desde a infância até aqui, poder e força e bondade de armas e bravura sobre todos os cavaleiros que, em qualquer época, trouxeram armas no reino de Logres; assim darás cabo a todas as outras maravilhas e aventuras que todos os outros falharam e falharão (MEGALE, 2008: 20)

Fica claro na fala do monge que Galaaz está destinado à realizar grandes feitos e angariar grandes conquistas para o reino, de modo que mesmo sendo gerado no pecado (adultério) pode muito bem redimir-se perante o empenho, devoção e manutenção dos ideais eclesiásticos que os fora ensinado desde menino. Aqui está o novo soldado de Cristo, um monge-guerreiro.

O cotidiano da cavalaria medieval estava impregnado pelo vício, pela luxúria e violência desmedidos, de modo que a Igreja pregava que salvação da alma passaria pela

resistência a todos estes pecados mundanos e às demais tentações que a vida aristocrática oferecia. O cavaleiro perfeito deveria abster-se de tais práticas de modo a preservar em si os valores cristãos, como a penitência, o jejum, a castidade e sobretudo as orações, de modo a afastar de seu âmago os pecados da carne e imbuir-se somente do Espírito Santo como sustentáculo. Sendo um cavaleiro, Galaaz teve de enfrentar em sua busca pelo Graal situações que tentaram afastá-lo de seus princípios cristãos.

Um desses ocorre quando Galaaz e um outro companheiro da Távola Redonda, Boorz, encontram abrigo no castelo do rei Brutos, durante a jornada em busca do Graal. Quando bem recebidos e devidamente assentados para descansar após longa jornada, a filha do rei, de apenas quinze anos, enamora-se de Galaaz durante o jantar de confraternização entre os hóspedes e o anfitrião. Tomada por voraz paixão, a princesa resolve por entregar-se a Galaaz durante a noite após o banquete, convicta de que por ser “a mais formosa donzela do reino de Logres” (MEGALE, 2008: 111) o cavaleiro a tomaria em seu leito de bom grado. Ao deixar seus aposentos e dirigir-se aos de Galaaz, a princesa deita-se ao seu lado e põe a mão sobre seu corpo para acordá-lo, quando sente o tecido áspero da estamemha que Galaaz costuma usar por debaixo da armadura¹⁴. Tomada de surpresa, a princesa percebe que aquele cavaleiro distingue-se dos outros cavaleiros “andantes”, por levar consigo os ideais de ascetismo e pureza também nas suas vestes:

[...] Não é ele cavaleiro dos andantes, que dizem que são enamorados, mas é daqueles cuja vida e alegria está sempre em penitência, pela qual lhes advém grande bem para o outro mundo, e perdoa Deus aqueles que erro tiverem feito contra ele. (...) E como quer que este cavaleiro seja alegre para parecer, grande é o sofrimento de sua carne e mostra bem que o seu coração pensa em coisa diferente do que minha carne mesquinha já pensava. Este é um dos verdadeiros cavaleiros da demanda do santo Graal e em má hora foi tão formoso para mim (MEGALE, 2008: 115)

A conduta cavalheiresca de Galaaz também é observada quando este encontra-se em posição de combate. Após passar uma noite em um castelo de um antigo vassalo do rei Artur, Galaaz é desafiado pelos guerreiros do senhor para um duelo. Galaaz é então forçado a defender-se contra os ataques de modo a revelar sua habilidade em armas, quando ataca o grupo de cavaleiros:

¹⁴ Estamemha é um tipo de hábito costumeiramente utilizado por frades e membros do baixo clero no medievo, é caracterizado por ser feito de lã, dando assim um aspecto áspero e rústico para quem o veste. A metáfora da estamemha de Galaaz é justamente dotar o cavaleiro de um ideal ascético e monástico, pois o mesmo adorna-se sem luxo, utilizando ao contrário, roupas de monge para demonstrar sua virtude e castidade.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

E Galaaz tornou a ele e o feriu tão bravamente que lhe rompeu a loriga e o escudo e meteu-lhe o ferro da lança pela costa esquerda, (...) depois disso derribou-o em terra, que o fez sair dentre os arções, e ficou todo quebrantado da queda. E quando os outros o viram cair em terra, deixaram-se correr a Galaaz e quebraram nele as lanças, mas da sela não o moveram e outro mal não lhe fizeram, porque era de ânimo forte e de maior força que outro qualquer; e deixou-se correr a um deles e feriu-o tão rijamente que o deitou em terra do cavalo ferido à maravilha, e a lança voou em pedaços; e depois meteu a mão à espada e quis ir contra aquele outro, mas ele, quando o viu vir e viu que tinha feito tais dois golpes, não o quis esperar e começou a fugir para o castelo (MEGALE, 2008: 86)

Um último guerreiro investiu contra Galaaz, mas este “alçou a espada, (...) e feriu-o tão violentamente que lhe fendeu o elmo e o escudo pelo meio, e Dalides, que o não pôde suportar, caiu em terra desmaiado e saiu-lhe o sangue pelas narinas e pela boca porque ficou quebrantado do golpe e da queda” (MEGALE, 2008: 87). Questionado por seu escudeiro por quê não desferira logo o golpe fatal, Galaaz responde: “Se Deus quiser, não porei mais a mão nele, porque matar tal cavaleiro seria a maior maldade do mundo. Mas vamo-nos daqui, porque eu não quisera fazer tanto quanto fiz” (MEGALE, 2008: 87).

A decisão de Galaaz converge com aquilo que São Bernardo exigia dos combatentes de Cristo. A nova cavalaria deveria distinguir-se dos outros por sua coragem, sim, mas também por sua moral e piedade em batalha. Por isso renegava os combatentes que se entregavam às pulsões violentas questionando o “que é, então, ó cavaleiros, este erro monstruoso e esta vontade insurgente que os impelem a lutar com tanta pompa e fervor, sem nenhum propósito exceto a morte e o pecado?”¹⁵ (CLAIRVAUX, 2000: 70). O abade pregava ainda que a “milícia de Cristo” teria em suas linhas soldados justos, tementes a Deus e combatentes tranquilos, tal como Galaaz e suas ações em combate demonstram ao longo de toda a *Demanda*.

FONTES CITADAS

BÍBLIA. **Novo Testamento – King James**. Trad.: Comitê Internacional e Permanente de tradução e revisão da Bíblia King James Atualizada (KJA/Sociedade Bíblica Ibero-Americana). São Paulo: Abba Press, 2007.

CLAIRVAUX, Bernard of. *De Laude Novae Militiae ad Milites Templi Liber*. In: BARBER, Malcolm (org.). **In Praise of the New Knighthood: A treatise on the knights templar and the**

¹⁵ “What then, o knights, is this monstrous error and what this unbearable urge which bids you fight with such pomp and labor, and all to no purpose except death and sin?” Tradução nossa.

holy places of Jerusalem. Trad. Latin: Conrad Greenia. Collegeville: Cistercian Publications, 2000.

MEGALE, Heitor (org.). **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

REFERÊNCIAS

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria**: da Germânia antiga à França do século XII. Trad.: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Reimpressão. Trad.: Liz Silva. Lisboa: Edições 70, 2012.

DEMURGER, Alain. **Os Templários**: uma cavalaria cristã na Idade Média. 2ªed. Trad.: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens**: do amor e outros ensaios. Trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

FLORI, Jean. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

GREENBLATT, Stephen. **Shakespearean Negotiations**: The circulation of social energy in renaissance England. California: University of California Press, 1988.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir). **A História Nova**. Trad.: Eduardo Brandão. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RALLS, Karen. **Os Templários e o Graal**. Trad. Paulo Soares e Cynthia Cortes. Rio de Janeiro: Record, 2004.